



BASTIDORES

Bastidores – “Te recompensará publicamente.”

(Mateus 6:6)

Vivemos em um mundo que aplaude o palco, mas ignora os bastidores. Onde a honra é dada a quem segura o microfone, e não a quem varreu o chão antes da plateia chegar. Onde nas empresas, nos governos, até nas igrejas, os olhos estão voltados para os que aparecem — os que têm cargos, voz, influência. Mas a Palavra de Deus mostra outra realidade: o Reino dos Céus valoriza o oculto, o pequeno, o que ninguém vê. Jesus foi claro:

Mas tu, quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta, e ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.”

(Mateus 6:6)

O Pai vê o secreto. Ele olha o que está por trás das cortinas, no porão do coração, na cozinha onde ninguém entra, no turno da noite onde ninguém passa. Ele vê quem chegou primeiro para abrir o templo. Vê quem limpou os banheiros.

Quem dobrou as cadeiras. Quem preparou a ceia em silêncio. Quem orou de madrugada sem ser chamado ao púlpito. E a promessa é essa: Ele vai recompensar publicamente.

Na construção de qualquer edifício, o alicerce é a parte mais ignorada — e a mais essencial.

Ninguém tira foto da base. Ninguém visita o subterrâneo pra elogiar o concreto.

Mas se o alicerce falhar, a obra toda cai.

E assim são os humildes nas famílias, nos ministérios, nas empresas, nas cidades.

Gente que sustenta com suor, com lágrimas, com entrega — mesmo sem aplausos.

Na Bíblia, vemos tantos desses.

Pessoas que não carregaram holofotes, mas foram fundamentais.

Como Hur, que segurou os braços de Moisés durante a batalha (Êxodo 17:12). Sem ele, os braços de Moisés teriam caído — e o povo teria perdido a guerra. Mas Hur quase nunca é lembrado nos sermões.

Ou como Josias, o rei menino, que restaurou a aliança com Deus sem precisar de palco, apenas voltando à Palavra esquecida (2 Reis 22).

Como a mulher sunamita, que hospedou o profeta Eliseu com tanto zelo que Deus a recompensou com um filho — e depois, com a vida restaurada dele (2 Reis 4).

Mardoqueu, por exemplo. Foi ele quem descobriu uma conspiração contra o rei Assuero e salvou a vida do soberano — mas ficou no anonimato por muito tempo. Até que, um dia, o rei vasculhou os registros e viu que Mardoqueu não havia sido honrado.

E publicamente, ele foi exaltado com vestes reais e honra diante de todos (Ester 6). Deus não esquece. Nem os reis esquecem para sempre.

O bem escondido volta — como semente que floresce quando ninguém espera.

E o que dizer da serva anônima que disse ao general Naamã que existia um profeta em Israel que podia curá-lo da lepra? (2 Reis 5).

Ela não era oficial, não tinha nome, não era de posição. Era uma menina levada cativa.

Mas seu testemunho abriu caminho para um milagre — e para a conversão de um comandante estrangeiro. O Reino de Deus sempre operou pelos bastidores.

Jesus nasceu num estábulo, não num palácio.

Foi sustentado por mulheres fiéis, não por políticos. Curou gente comum, não celebridades.

Lavou os pés dos discípulos, não exigiu que lavassem os d'Ele.

Foi traído com um beijo no escuro, julgado numa madrugada injusta, crucificado entre dois criminosos.

E mesmo assim, Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que está acima de todo nome.

(Filipenses 2:9)

Isso nos ensina algo profundo: a verdadeira grandeza não brilha aos olhos humanos. Ela se manifesta na obediência silenciosa, na constância invisível, na fidelidade quando ninguém está olhando.

Muitos que hoje vivem nos bastidores da vida — subordinados, silenciosos, idosos esquecidos, mães que criam filhos sozinhas, servos de Deus que oram sem reconhecimento, trabalhadores que sustentam famílias com salário mínimo — esses serão exaltados por Deus. Eles fazem parte da estrutura da sociedade, da igreja, da humanidade.

Se eles parassem, tudo desmoronaria.

Nos tempos modernos, vivemos uma obsessão por imagem, seguidores, reputação. Mas Deus continua olhando o coração.

O médico que atende sem pressa.

A professora que ensina com paciência.

O pastor que visita sem postar.

O funcionário que não rouba nem quando ninguém fiscaliza. O crente que jejuia sem anunciar.

O avô que ora pela família em silêncio.

O porteiro que dá bom dia todo dia com sorriso. Deus vê.

O mundo pode ignorar. Mas o céu registra.

A justiça de Deus nunca falha — ainda que demore a aparecer. Ele se encarrega de honrar quem foi fiel no pouco. Não porque a pessoa buscou reconhecimento, mas justamente porque não buscou.

E quando Ele recompensa, é como um Pai que chama o filho à frente e diz: “Eu vi tudo o que você fez.

Agora todos vão ver quem você realmente é.

” Se você está nos bastidores, não desista.

Se sente esquecido, invisível, não pare.

O céu te enxerga.

Continue limpando, servindo, cuidando, orando, suportando, sustentando.

O palco passa.

O aplauso acaba.

Mas a recompensa de Deus é eterna.

Ele disse: “Te recompensará publicamente.”

E Ele cumpre o que promete.

Capítulo 1 – A Costureira do Tabernáculo

Antes do templo de Salomão, antes dos grandes altares de pedra, existiu uma tenda simples, construída no deserto com tecidos, madeiras e ouro. Um lugar onde Deus escolheu habitar.

O Tabernáculo. E no meio daquela obra sagrada, existiu uma mulher — ou talvez várias — cuja Bíblia nem nome revela. Mas ela costurava.

Sim, o Espírito de Deus encheu homens como Bezalel e Aoliabe com sabedoria artística, sim.

Mas Êxodo 35:25 diz: “Todas as mulheres hábeis fiavam com as suas mãos e traziam o que fiavam, azul, púrpura, carmesim e linho fino.”

Elas teciam a morada de Deus. Linha por linha. Tecido por tecido. Sem altar, sem púlpito, sem palavras. Mas foi sobre as cortinas que caiu a glória. Foi por trás daquele véu que Deus falava com Moisés. E aquela glória repousava em tecidos costurados por mãos que ninguém celebrou.

Quantas hoje fazem o mesmo?

Mães que costuram a infância dos filhos.

Mulheres que limpam o chão da igreja. Artesãos que restauram espaços santos. Gente comum, tecendo o invisível com amor. Sem elas, não há presença. Não há glória.

Capítulo 2 – A Professora que Trancou a Porta

Foi no Brasil. Uma professora, viu um homem armado entrando na escola. Poderia ter corrido.

Mas não. Ela trancou a porta. Escondeu os alunos. Se posicionou como escudo. Naquele dia, crianças viveram. Porque uma mulher decidiu ser parede.

Ela não ganhou estátua. Não subiu ao palco. Mas foi templo de coragem. O mundo quase esquece. Mas o céu aplaude.

Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13)

Ela nem era amiga das crianças. Era mais. Era guardiã. Quantos fazem isso todos os dias? Motoristas de ônibus que esperam a criança atravessar. Zeladores que enfrentam invasores. Mães que se colocam entre o perigo e o filho. Gente que nem sabe que salvou alguém. Mas salvou.

Capítulo 3 – O Escudeiro de Davi

Todos conhecem Davi. O rei poeta, o guerreiro vitorioso, o salmista que encantava e vencia.

A Bíblia menciona escudeiros, ajudantes, servos de confiança. Alguns foram citados, outros não.

Mas todos estavam lá. Um rei nunca anda só — e os verdadeiros reis sabem disso.

Quem segurava a espada quando ele dormia?

Quem buscava água no campo de batalha?

Quem limpava o sangue da capa?

Esses homens nunca escreveram salmos.

Nunca sentaram no trono. Mas sem eles, talvez o trono nem existisse. Eles viveram entre tendas, cavernas, desertos — com fidelidade silenciosa.

E hoje?

Quantos escudeiros modernos existem?

Pessoas que protegem os líderes em oração, sem buscar títulos. Que aconselham sem aparecer.

Que sustentam ministérios em jejum e lágrima.

Homens e mulheres que Deus conhece pelo nome — mesmo que ninguém mais saiba.

Capítulo 4 – Os que Talhavam Pedra no Silêncio

O templo de Salomão foi uma das maiores obras da história. Ouro, madeira de cedro, pedras preciosas, tudo no seu devido lugar. Um projeto dado por Deus, desenhado por Davi, executado por Salomão. Mas... quem cortou as pedras?

A Bíblia diz: “Ordenou o rei que se talhassem grandes pedras, pedras preciosas para fundarem a casa com pedras lavradas. E os edificadores de Salomão, e os de Hirão, e os giblitas talharam-nas, e prepararam as madeiras e as pedras para edificar a casa.” (1 Reis 5:17-18)

Eles não foram chamados “reis”. Não sentaram em tronos. Mas pegaram as pedras brutas, e com marretas, cinzéis e mãos calejadas, deram forma ao sagrado. Cada bloco que sustentou o templo passou por mãos anônimas. Pó, suor, martelo.

E o templo brilhou.

No fim, ficou o nome de Salomão. Mas o altar que subiu ao céu teve sangue e poeira dos humildes que ninguém lembra. São esses os que Deus não esquece. Pedras vivas, que sustentam tudo.

Hoje, ainda temos esses. Os que varrem, limpam, instalam, desmontam, arrumam, testam som, lavam, costuram. Aqueles que “não são espirituais” o suficiente aos olhos humanos — mas são o fundamento da fé prática. Se tirarmos esses, o templo desaba.

Capítulo 5 – A Leoa que Caça no Escuro

Na natureza, o leão é o “rei da selva”. Sua juba é símbolo de poder. Seu rugido ecoa como domínio. Mas quem alimenta o reino? A leoa.

É ela quem caça, quem observa, quem protege, quem ensina os filhotes a sobreviver. É ela quem sangra. O leão chega por último. Come primeiro. Descansa depois. É assim também entre nós. Os que alimentam a vida com o suor de suas mãos quase nunca recebem os títulos.

A mulher que trabalha enquanto o marido recebe a medalha.

A avó que cria os netos. A esposa de pastor que ouve e intercede enquanto ele prega. As pessoas que cuidam enquanto outros falam.

No Reino de Deus, as leoas têm nome.

São lembradas.

Jesus valorizou a viúva que deu duas moedas. Ela sustentou o templo com tudo o que tinha — sem — sem trombetas.

E no fim, é ela quem sustenta o rugido do Rei.

Capítulo 6 – As Abelhas Operárias e o Mel Invisível

Na colmeia, todos amam o mel. Mas poucos entendem o processo. O mel não nasce doce. Ele nasce do esforço incansável de abelhas operárias que não param. Elas voam longe, recolhem néctar, voltam com o pólen, trabalham sem parar. Enxame. Ordem. Serviço. A rainha está ali. Mas é servida. O mel que ela produz — é fruto do corpo das outras. São as operárias que constroem as paredes da colmeia. Que alimentam os filhotes. Que limpam o interior. Que morrem cedo, de tanto trabalhar. Elas não têm nome. Mas o mundo inteiro depende do seu trabalho.

Assim também são os cuidadores.

Aqueles que estão nas alas hospitalares — que trocam fraldas, limpam feridas, preparam bandejas.

Os que cuidam de idosos, de doentes mentais, de crianças com necessidades especiais.

Os que limpam sangue, que carregam corpos, que choram escondidos. São eles que fazem o mundo funcionar. O mel da vida vem deles. Mas o mundo se esquece. Deus, não.

Capítulo 7 – Os Mestres de Cem e Mil Na Bíblia,

quando Moisés ficou sobrecarregado, Jetro lhe deu um conselho:

“Tu, porém, escolhe dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez.” (Êxodo 18:21)

Esses homens não eram profetas. Nem patriarcas. Nem faziam milagres. Mas organizavam. Eram líderes intermediários. Responsáveis por manter a ordem, ouvir causas, acalmar o povo, orientar.

Sem eles, Moisés morreria de cansaço.

E o povo, de confusão.

Hoje ainda existem esses “mestres de cem”. São coordenadores. Facilitadores. Auxiliares.

Os que ficam entre o povo e o líder.

Que seguram as pontas, que evitam crises, que ouvem e respondem.

Não estão no topo, nem na base.

Estão no meio, onde mais se apanha.

E ainda assim, não desistem. Esses, Deus honra.

Porque são pontes. São os ligamentos do Corpo.

Capítulo Extra – Não é Contra os Que Aparecem

Vamos deixar algo muito claro. Essa mensagem não é um ataque aos que estão no alto. Aos líderes, aos que falam, aos que pregam, aos que foram chamados por Deus para conduzir, orientar, inspirar. O próprio Deus levantou Moisés, colocou José como governador, ungiu Davi como rei. Jesus chamou apóstolos. O Espírito Santo deu dons — alguns para ensinar, outros para pastorear, outros para liderar. Tudo isso é plano de Deus. Mas...

O problema não está em aparecer.

O problema está em esquecer.

Esquecer que nenhum desses constrói sozinho.

Esquecer que a glória não é humana.

Esquecer que o Reino não é feito só de púlpito, mas também de chão. Esquecer que o aplauso deve ser dividido — ou melhor, devolvido — a Deus e a todos os que cooperaram para que a obra acontecesse. Jesus apareceu, sim. Mas lavou pés. Tocou leprosos. Sentou com pecadores.

E disse: “Quem quiser ser o maior, seja o servo de todos.” (Marcos 10:44)

Essa reflexão, não é para diminuir ninguém.

É para elevar os que foram esquecidos.

É para lembrar à humanidade que o valor de uma construção começa no alicerce, e que o alicerce nunca é visto. Se for para exaltar alguém, que seja a todos.

Os que comandam e os que obedecem.

Os que falam e os que ouvem. Os que edificam com a palavra e os que constroem com a vassoura.

Os que inspiram com canções e os que sustentam com orações. Todos são corpo. Todos são importantes.

Mas os humildes de coração — ah, esses são os que mais se parecem com Cristo.

Lembre-se: Se for pra exaltar, que seja com justiça. Se for pra honrar, honre a todos.

Se for pra agradecer, agradeça até os que ninguém vê.

Se for pra bater palmas, que seja também pra quem limpou o chão do palco.

A diferença entre gratidão e idolatria está em entender que ninguém é maior do que o outro diante de Deus. Não se deve colocar um ser humano num pedestal — principalmente quando muitos outros foram os tijolos que sustentaram a subida. Reconheça os bons. Valorize os justos.

Exalte os que agem com pureza de coração — não só os que aparecem nas fotos, mas os que oram no quarto, que servem com silêncio, que doam sem esperar aplausos.

São esses que fazem tudo acontecer no invisível. Toda obra grandiosa tem bastidores.

Todo palco tem bastidores.

Toda colheita tem semeadores.

Todo milagre tem cooperadores.

Quando você olhar para algo grandioso, lembre-se: existem mãos que não aparecem, vozes que não falam, rostos que não brilham — mas que foram essenciais para aquilo existir.

Esses são os verdadeiros heróis do Reino.

Esses são os que Deus vê.

E um dia, o próprio Pai os recompensará... publicamente.

Deus Abençoe,

Eva Sousa

04.2025